

“TALKING BACK”: UMA ABORDAGEM DO PENSAMENTO RADICAL DE BELL HOOKS

Lucas Passos de Moura¹
Priscilla Melo Ribeiro de Lima²

RESUMO

Este trabalho propõe uma abordagem particular da obra da teórica norte-americana bell hooks, tomando como enfoque a relação entre as suas proposições acerca do ensino e suas considerações acerca do amor. Segundo nossa leitura, estes dois eixos de sua produção estariam intrinsecamente relacionados, sendo que esta relação estaria assentada: (a) no legado do levante anticolonial emergente na segunda metade do século XX; (b) no relação da teórica com os movimentos dos direitos civis; (c) e em sua atuação na militância feminista. A fim de defendermos nossa leitura, inicialmente, abordamos os avanços culturais proporcionados pela insurgência anticolonial, como o movimento *Négritude* e a sua oposição ao problema negro [*problème noir*]. Em seguida, recorremos, especificamente, a uma seleção das obras de hooks acerca da docência como prática libertária e aos seus escritos sobre o amor. Ao fim, buscamos apontar as possíveis contribuições do pensamento radical de bell hooks para o contexto atual, endossando, dessa maneira, a sua pertinência. Desta forma, este texto advém de uma pesquisa bibliográfica, a nível exploratório-descritivo, que, para além da revisão do espólio da escritora, buscou propor uma discussão quanto à sua abrangência contemporânea.

Palavras-chave: bell hooks. Pensamento crítico. Prática da liberdade. Amor.

“TALKING BACK”: AN APPROACH OF THE RADICAL THINKING OF BELL HOOKS

ABSTRACT

This article proposes a particular approach to the work of the north-American theorist bell hooks, focusing on the relationship between her propositions about teaching and her considerations about love. According to our reading, these two axes of her production would be intrinsically related, and this relationship would be based: (a) on the legacy of the anti-colonial rising emerging in the second half of the twentieth century, as the movement *Négritude* and your opposition to the black problem [*problème noir*]; (b) on the involvement of the theorist in the civil rights movements; (c) and in her work in the feminist militancy. In order to defend our reading, initially we address the cultural advances provided by the anti-colonial insurgency, such as the *Négritude* movement. Then, we turn specifically to a selection of the works of hooks about teaching as libertarian practice and his writings on love. At the end, we seek to point out the possible contributions of radical thought. Thus, this text comes from a bibliographical research, in an exploratory-descriptive level, which, beyond the review of the writer's estate, sought to propose a discussion about its contemporary scope.

Keywords: bell hooks. Critical thinking. Freedom practice. Love.

¹ Graduado em Psicologia pela Faculdade de Educação da Universidade Federal de Goiás (2022), mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia na Universidade Federal de Goiás, UFG (2024) e doutorando na linha Psicanálise, Psicopatologia e Linguagem do PPGPsiCC (UnB). E-mail: lucaspassosdemoura@gmail.com.

² É doutora em Psicologia Clínica e Cultura pela Universidade de Brasília (UnB), docente do Curso de Psicologia da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Goiás (UFG) e do Programa de Pós-graduação em Psicologia da Faculdade de Educação da UFG. E-mail: primlima@ufg.br.

INTRODUÇÃO

Este trabalho tem como objetivo apresentar uma leitura particular acerca do pensamento da teórica norte-americana bell hooks, tomando como recorte a sua perspectiva acerca das possibilidades do pensamento crítico. Para tanto, percorremos uma parte selecionada de sua produção, atravessando as suas propostas de correlação entre o colonialismo, a educação e a ética.

Diante disso, endossamos como nossa leitura parte do contexto histórico e social brasileiro, entendendo que seus escritos nos provocam a conceber o pensamento crítico e, conseqüentemente, a educação como algo para além da relação vertical professor-aluno tão comum nas visões pedagógicas bancárias.

Acreditamos que esta leitura seja possível, principalmente, porque esta toma, como referência, teóricos do sul global — em específico, sublinhamos a influência do filósofo e educador brasileiro Paulo Freire; ou seja, já há um diálogo aberto entre as produções de nosso contexto cultural às produções de hooks.

A partir disso, entendemos que a concepção de bell hooks sobre a educação assume um *status* transgressor e aborda questões tão caras ao campo das discussões contemporâneas das ciências humanas: a defesa da utopia da emancipação através do conhecimento, a necessidade de uma perspectiva crítica de profissionais em suas diversas interfaces de atuação e o compromisso ético com a possibilidade de construção de um bem-estar coletivo. Portanto, retomamos às considerações de hooks, entendendo que suas contribuições nos convocam a tomar o pensamento crítico como prática libertária, todo este processo tendo como pano de fundo aquilo que a autora propõe como uma “ética amorosa” (hooks, 2020).

PERCURSO METODOLÓGICO

Este artigo é fruto de uma pesquisa qualitativa de cunho bibliográfico. Desse modo, buscamos, na literatura disponível, textos sobre a temática da educação como prática libertária e a sua correlação com o pensamento crítico.

Assim, organizamos a análise da obra selecionada de hooks, dividindo-a em três grupos: (a) ensaios acerca da docência e do papel do intelectual na cultura — *Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade*, *Ensinando comunidade: uma pedagogia da esperança* e *Erguer a voz: pensar como feminista, pensar como negra* (hooks, 2017; 2021; 2019); (b) textos sobre a ética amorosa — *Tudo sobre o amor: novas perspectivas*; *Comunhão: a busca das mulheres pelo amor* e *Salvação: pessoas negras e o amor* (hooks, 2021; 2024a; 2024b), (c) e, textos acerca das relações de dominação em uma “sociedade patriarcal capitalista supremacista branca imperialista” — *Teoria feminista: da margem ao centro*, *Olhares negros: raça e representação*, *A gente é da hora: homens negros e masculinidade* (hooks, 2019c; 2019b; 2022).

Inicialmente, apresentaremos os antecedentes históricos que possibilitaram a emergência do pensamento de hooks para, em seguida, abordar as contribuições destes diversos períodos de sua produção. Ao cabo, propomos uma síntese, que toma como centro a noção de amor desenvolvida pela teórica ao longo de suas décadas de ensino e escrita.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Antecedentes históricos: Négritude e o problema negro

Após o desfecho da Segunda Grande Guerra, houve a generalização do questionamento da lógica da dominação colonial, movimento seguinte às insurreições do período escravista, em vista do caráter revolucionário em sua oposição ao sistema de produção da época (Moura, 2020). Este determinado período é marcado por uma insurgência crítica no panorama intelectual do Ocidente, animada pela migração de um grupo específico — os estudantes das colônias — que, após séculos debaixo do jugo imposto pelos europeus, tiveram contato com as universidades da metrópole e produziram respostas insubmissas à condição que eram reduzidos (Munanga, 1986/2020). A insubmissão reportava à mudança de *status* que estes experienciaram ao aportarem nas grandes cidades, uma vez que, antes, acreditavam que eram cidadãos europeus, pretensamente inseridos na dinâmica social a que pertenciam. Ao chegarem na Europa, o que conheciam era negado ou, tomando a expressão do escritor nigeriano Chinua Achebe (2009), o mundo que conheciam se despedaçava [*Things fall apart*]. Um exemplo disso é o caso dos estudantes martinicanos que chegavam à França. Como Faustino (2018) ressalta, na Martinica quando colônia francesa, havia uma ideia comum de que, por serem parte do domínio europeu, os habitantes das colônias eram também cidadãos europeus. Eram ensinados que a “França era o ‘seu lar’ e de que os ‘pais da sua pátria’ eram os Gauleses” (Faustino, 2018, p. 20). Demais, eram ensinados a recusar aspectos que remetiam às origens em África, como o crioulo [*créole*] — língua falada pelos habitantes das camadas mais baixas nas Antilhas. Procurava-se, a todo modo, afastar-se das raízes “selvagens” e, assim, o negro era tomando, insistentemente, como retrocesso/degeneração: “dada a racialização das posições sociais, a busca pela aproximação ao europeu tornou-se a norma e o seu oposto foi patologizado” (Faustino, 2018, p. 22).

A partir deste contato que questionou a lógica estabelecida e que desencantou as promessas do mundo civilizado, nasceu um movimento que recusava e criticava o processo de colonização, assim como os seus mitos. Este era acompanhado de uma mudança de perspectiva em relação à África: antes, vista como pobre e bárbara; agora, redescoberta como continente rico de cultura e tradição. Era uma virada que buscava “uma consciência racial (não racista)” (Munanga, 1986/2020, p. 46); era o surgimento da *Négritude*³. Esta palavra foi retomada pelo poeta e professor martinicano Aimé Césaire (1913-2008), cuja atuação política e literária teve forte influência em diversos intelectuais de todo o mundo⁴. Logo, em conjunto de Léopold Sédar Senghor (1906-2001) e Léon-Gontran Damas (1912-1978), ele criou a revista *Étudiant Noir* [Estudante Negro] que buscava “liberdade criadora do negro e condena[va] a imitação ocidental. Aponta[va] como meios de libertação a volta às raízes africanas, o comunismo e o surrealismo” (Munanga, 1986/2020, p. 49).

Dessa maneira, entendemos que a proposta do movimento *Négritude* era a de combater o ideal europeu de civilização, que, tomado como norma, oprimia e destruía os povos autóctones nas colônias (Fanon, 2021). Césaire (2020), em *Discurso sobre o Colonialismo*, já inicia o seu texto abordando esta questão e alegando que “A Europa é indefensável” (p. 9), uma

³ Optei em manter a grafia desta palavra como em sua língua original, o francês, a fim de proporcionar a diferenciação entre esta e a já brasileira “negritude”. Sigo a abordagem de Faustino (2020, p. 77) quanto a esta diferenciação, em que “[*Négritude*] refere-se ao movimento social surgido na França e nas colônias francesas entre a primeira metade do século XX, [enquanto negritude] refere-se a um sentimento de pertença étnico-racial que se difundiu por toda a diáspora africana”.

⁴ Segundo Faustino (2018), o criador da palavra negritude foi o psiquiatra e abolicionista Benjamin Rush (1746-1813), empregando-a em um sentido estritamente biológico e, dessa maneira, utilizando a ciência para justificar um pensamento de caráter racista. Entretanto, a significação contemporânea de negritude segue as produções de Aimé Césaire, que a empregava com reivindicação política.

vez que, na normalidade explosiva herdeira da *Belle Époque*, havia problemas que não poderiam mais ser desprezados pela civilização moribunda, “o problema do proletariado e o problema colonial” (p. 9). Com isso, Césaire (2020) destaca: a colonização como processo civilizatório seria uma falácia, sendo, em verdade, parte de uma empreitada econômica com fins de exploração de riquezas e subsídios, tendo como resultado a aniquilação de culturas inteiras. O colonizador não seria o benfeitor civilizado; seria, em seus próprios termos, o bárbaro levado por “instintos soterrados, cobiça, violência, ódio racial, relativismo moral” (Césaire, 2020, p.17). Além disso, este mesmo bárbaro que vive na metrópole é o burguês que goza de toda a mais “alta cultura”. Césaire (2020), acima de tudo, lança uma constatação audaz: no humanista cristão do século XX, vive um Hitler; no meio da civilização idônea, existe a barbárie. E, em sua análise, o mais perturbador e interessante é que Césaire observa todo o destaque negativo ao nazismo após 1945 como um meio de esconder a vergonha e a mentira, já que os campos de concentração revelavam meramente uma parte dos “procedimentos colonialistas que atingiam até então apenas os árabes da Argélia, os *coolies* da Índia e os negros da África” (2020, p.18), só que, agora, aplicados contra si mesmo, contra o homem branco.

Césaire (2020) expõe, ao final de seu discurso, que a barbárie infiltrada na Europa obtém subsídio no Sistema Capitalista: “no fundo do capitalismo, ansioso por sobreviver, há Hitler. No fundo do humanismo formal e da renúncia filosófica, há Hitler” (2020, p.19). Afastando-se do ideal branco e renegando a sua glória putrefata, Césaire professa “o negro é bonito” e reivindica o amor à sua pele escura, destruindo a lógica demonizadora que tanto afligia aos negros. Nesse sentido, este movimento estaria relacionado a uma assunção positiva de aspectos relacionados ao ser negro, como na passagem de *Diário de um retorno ao país natal* em que o poeta (2021, p. 80) assevera: “nenhuma raça possui o monopólio da beleza, da inteligência, da força” [*aucune race ne possède le monopole de la beauté, de l'intelligence, de la force*]. Assim, pretendia-se encontrar, nos restos desta catástrofe, a possibilidade de um retorno às raízes e, antes disso, a possibilidade de ser civilizado e negro.

Por certo, parece-nos evidente como a dicotomia existente entre “civilizado” e “negro”, denunciado pelo movimento *Négritude*, escancarava um problema na cultura Ocidental, problema que poderíamos resumir às sequelas da criação da raça negra — movimento crítico cunhado pela geração posterior à Segunda Grande Guerra como “problema negro” [*problème noir*]. A ideia por trás deste termo aparece nas produções de diversos intelectuais da diáspora⁵ — tanto com o próprio Aimé Césaire e James Baldwin, através do uso direto desta expressão, quanto com, igualmente, Abdias Nascimento, Lélia Gonzalez e Beatriz Nascimento, com expressões similares, “problemática negra”, “problemática racial”, “problema racial”. No presente trabalho, aproximamo-nos da abordagem fanoniana deste fenômeno, que observa a gênese da noção colonialista de raça como impeditiva para a vivência do movimento contraditório da experiência humana, o que ele chama de “descida ao verdadeiro inferno” [*descente aux véritables enfers*] (Fanon, 1922/2020, p. 22). Em sua obra seminal, *Pele negra, Máscaras brancas* (Fanon, 1952/2020), o teórico utiliza a expressão em diversas passagens, associando-a a sua pesquisa, que se pretendia uma leitura psicanalítica do problema negro. Em suma, poderíamos encarar este termo, que em verdade não nasce somente na pena de Fanon, como aquele que conseguiu capturar as contradições evidentes associadas ao colonialismo, irrompidas no pós-guerra e que, ainda hoje, ecoam e nos chamam a atenção.

Com efeito, os diálogos entre os tratamentos do problema negro produzem caminhos distintos e, ainda assim, intrínsecos. Este é o caso da profunda influência de Aimé Césaire no

⁵ Como Munanga (1986/2020, pp. 78-79) observa, originalmente, o uso dessa palavra estava relacionado ao “estabelecimento dos judeus fora de sua pátria, à qual se acham vinculados por fortes laços históricos, culturais e religiosos”. No entanto, ao longo do desenvolvimento das críticas anticoloniais, esta se estendeu à condição dos povos africanos sequestrados, sendo, hoje, também “[utilizada] para designar os negros de origem africana deportados para outros continentes e seus descendentes”.

pensamento de Fanon, também estudante universitário que se incomodou com as cores racistas da metrópole. Este contato coincide com a chegada de Césaire à Martinica, a fim de lecionar literatura no Liceu Schoelcher e, inicialmente, dá-se de maneira indireta, por meio dos amigos de Fanon, já que este era muito novo para participar das aulas (Shatz, 2024; Cherki, 2022). Quando, de fato, começa a estudar com o professor, Fanon revela nutrir grande estima por ele, chegando a apoiá-lo na candidatura a deputado. É logo após este momento que ele começa a esboçar suas primeiras produções e a se afastar do que Césaire defendia com o movimento *Négritude*, dando base para o seu pensamento posterior e, principalmente, à sua concepção de universalismo radical. Esta noção contrapõe-se a “um humanismo abstrato de caráter eurocêntrico burguês” (Faustino, 2022, 106), indicando “um novo humanismo, voltado à articulação contingente de demandas particulares e universais da agência humana” (p. 106). Com esta defesa, o lugar do branco como expressão universal do humano define-se, sendo necessário avançar ainda mais: seria urgente abrir mão da leitura posta quanto à diferença, acabar com a noção de raça e, conseqüentemente, com o racismo.

Igualmente, esta luta por humanidade reivindicada pelo movimento *Négritude* e questionada por Frantz Fanon encontrava seus ecos nas antigas colônias com uma crescente insatisfação quanto ao *locus* social do negro. Um exemplo é Abdias Nascimento (1914-2011), importante teórico e cofundador do que se tornaria o movimento negro unificado (MNU), que percebeu como, nas pesquisas realizadas até o momento, havia um viés conciliador que pretendia sustentar a ideia de que o Brasil era o paraíso das raças, um lugar quase que idílico, onde o branco e o negro viviam em harmonia. Esta era a ideia de Democracia Racial, iniciada em 1930 com os estudos de Gilberto Freyre, uma ideia que não passava de ideologia a fim de manter a dominação e o *status quo* de um país socialmente estratificado e racista. Em seu *O genocídio do negro brasileiro* (Nascimento, 2016), há a descrição de como houve um processo de apagamento da história do contingente negro no Brasil, acompanhada de uma tentativa de embranquecimento com o estímulo à imigração europeia no final do século XIX. O teórico ainda recorda um episódio síntese deste processo: em 1981, Rui Barbosa assina uma circular que ordenava “a destruição pelo fogo de todos os documentos históricos e arquivos relacionados com o comércio de escravos e a escravidão em geral” (Nascimento, 2016, p. 57). Este apagamento físico e simbólico impossibilita a estimativa exata do número de africanos sequestrados e trazidos para o Brasil colônia. Não só isso: segundo o autor, essa tentativa de apagar a mancha negra da história do Brasil inviabilizaria a busca dos sujeitos negros por “dignidade, identidade e justiça” que “lhes são sonegadas pelos detentores do poder” (Nascimento, 2016, p. 93).

Estas mesmas preocupações serão trabalhadas por uma série de intelectuais e militantes da diáspora, tais como: Angela Davis (2018), a partir do recorte da situação da mulher negra; Audre Lorde (2019), em sua crítica ao modelo patriarcal e eurocêntrico; James Baldwin (2017; 1993), em suas obras literárias e ensaios críticos, versando sobre o mau entendido desumanizador causado pela naturalização da raça negra; Lélia Gonzalez (2020), em sua leitura singular do racismo a partir do aporte psicanalítico; entre muitos outros. Imersa nessa atmosfera prolífica de crítica e de atuação política, encontramos os trabalhos de bell hooks, pseudônimo de Gloria Jean Watkins. Nascida em 1952, Kentucky, sul dos Estados Unidos, esta importante teórica dedicou a sua vida ao campo da crítica da cultura, ensejando, por meio do aporte teórico do feminismo, evidenciar e combater as opressões comportadas pelo Sistema Capitalista de produção. Assim, hooks valeu-se do movimento *Négritude* e dos avanços de suas propostas, em vista do problema negro, assimilando-os à sua perspectiva radical, que buscava, sobretudo, transmitir o pensamento crítico, através da educação como prática de liberdade.

O pensamento crítico de bell hooks

Os escritos de bell hooks carregam a peculiaridade de atravessar assuntos variados, muitas vezes tidos como distantes — tais como teoria feminista, crítica da cultura, produção literária, autoajuda, parentalidade, autobiografia etc. No entanto, o cuidado da teórica em aproximá-los evidencia a correlação elidida entre temas como a educação, a dominação capitalista, o sexismo e o racismo. Partindo de sua experiência pessoal, algo comum no campo de produção do feminismo negro, hooks toma eventos que marcaram a sua formação como mulher negra na academia, sendo a experiência da solidão experimentada neste ambiente o alinhamento dos principais temas tratados pela autora e, ainda, um dos assuntos centrais que perpassa *Erguer a voz: pensar como feminista, pensar como negra* (hooks, 2019). Sendo o terceiro livro publicado pela autora, seguindo a série de escritos críticos acerca do feminismo dominante no final dos anos 80, este é o primeiro trabalho que escancara o seu esforço de associar teoria, militância feminista/antirracista e a elaboração de sua própria história de vida. Neste, hooks expõe o *background* em que teve acesso à educação: uma época anterior às ações afirmativas, período de transição entre a segregação racial e a integração nas escolas americanas; período em que a presença de estudantes negros em faculdades de elite, como a que hooks frequentou, era mínima. É este o cenário que a escritora recorda ao descrever seus anos de formação: “em todos os meus anos cursando as aulas no departamento de inglês, nunca fui ensinada por mulheres negras. Nos meus anos de docência, encontrei estudantes tanto nas aulas de inglês quanto em outras disciplinas que nunca tinham sido ensinados por mulheres negras” (hooks, 2019, pp. 126-127).

Hooks (2019) observa como a falta de identificação com os seus pares e, conseqüentemente, a solidão devastadora deste cenário alimenta crenças e sentimentos comuns entre estudantes negros. O medo diante da inadequação às instituições de ensino superior e o silêncio cotidiano destes alunos são alguns dos aspectos destacados ao falar de sua experiência própria com a solidão na universidade: “durante meus anos na pós-graduação, eu temia falar cara a cara com professores brancos, especialmente homens brancos ... na graduação, eu cuidadosamente evitava aqueles professores que tinham deixado claro que a presença de qualquer estudante negro em suas aulas não era desejada.” (hooks, 2019, p. 127-128). A falta de compreensão dos colegas brancos e a descrença por parte do corpo discente são algumas das respostas corriqueiras que a teórica descreve quando revisita suas experiências como aluna negra em instituições de ensino superior.

Para hooks (2019), a postura adotada por estudantes que passam por experiências assim é, muitas vezes, cínica, descolada afetivamente do contexto e das situações vivenciadas. Inseridos em um ambiente hostil, cujos referenciais e os ideais compartilhados são eminentemente embranquecidos, os sujeitos negros se veem desvalidos, esvaziados, sem energia, motivo ou mesmo incentivo para permanecerem. Este movimento, marcado pela apatia, é observado por Manoel (2020) em seu artigo “O negro no mundo (intelectual) do branco: breve nota sociológica” e cunhado, simbolicamente, de “melancolia”. Fragilizados e cristalizados nesta posição de inércia, os estudantes negros têm suas perspectivas tolhidas e resumidas, frequentemente, ao fracasso, como bem observa hooks (2019, p. 132): “para alguns de nós, fracasso, fracassar, ser fracassado começava a parecer uma alternativa positiva, uma saída, uma solução”. Quais seriam, então, as alternativas para esse vórtice adoecedor e opressor tão comum nas experiências partilhadas entre alunos negros? Um dos caminhos apresentados por hooks (2017) é encarar a teoria como prática libertadora.

Em *Ensinando a transgredir* (hooks, 2017, p. 83, grifo nosso) a teórica endossa essa possibilidade ao descrever o seu primeiro contato com a teoria: “cheguei à teoria porque estava machucada — a dor dentro de mim era tão intensa que eu não conseguiria continuar vivendo. Cheguei à teoria desesperada, querendo compreender ... *mais importante, queria fazer a dor ir*

embora”. A teórica localiza o gérmen deste teorizar na sua infância, em seu comportamento incessante de questionar o óbvio dentro de seu núcleo familiar patriarcal, diante das contradições da sociedade que estava inserida: “sempre que, na infância, eu tentava levar as pessoas ao meu redor a fazer as coisas de outra maneira, a olhar o mundo de outra forma, usando a teoria como intervenção, como meio de desafiar o *status quo*, eu era castigada” (hooks, 2017, pp. 83-84).

A contragosto do esforço de seus pais — um casal negro que buscava realizar a norma patriarcal negada a eles, por muito, durante a história de formação da sociedade estadunidense, este comportamento de desvelar as contradições sociais existentes, próprias das relações humanas, foi motivo de frequente repressão: “eles [os pais] deviam ter a impressão de que um monstro havia aparecido entre eles na forma e no corpo de uma criança — uma figurinha demoníaca que ameaçava subverter e minar tudo o que eles buscavam construir” (hooks, 2017, p. 84). Desse modo, diante da repressão doméstica, hooks (2017) reafirma como a saída encontrada durante a infância foi a teorização: “encontrei um lugar onde eu podia imaginar futuros possíveis, um lugar onde a vida podia ser diferente. Essa experiência ‘vivida’ de pensamento crítico, de reflexão e análise se tornou um lugar onde eu trabalhava para explicar a mágoa e fazê-la ir embora” (p. 85). Tendo essa experiência em vista, a teórica descreve como teoria e prática são, em verdade, inseparáveis e que, quando observadas e tomadas dessa forma, garantem a possibilidade de autonomia: “quando nossa experiência vivida de teorização está fundamentalmente ligada a processos de autorrecuperação, de libertação coletiva, não existe brecha entre a teoria e a prática” (p. 85).

Resgatando a sua relação com os movimentos revolucionários, hooks (2017, p. 97) ainda denuncia como a prática libertária e a teoria precisam se articular a fim de despertar o engajamento das pessoas que entram em contato com os debates e as indagações inerentes ao movimento investigativo: “para mim, essa teoria [teoria revolucionária feminista] nasce do concreto, de meus esforços para entender as experiências da vida cotidiana, de meus esforços para intervir criticamente na minha vida e na vida de outras pessoas”. Por isso, a teoria seria assegurada como o espaço essencial de desvelamento das contradições e, ainda, lugar de acolher e elaboração do sofrimento humano: “nossa busca nos leva de volta onde tudo começou, àquele momento em que uma mulher ou uma criança, que talvez se imaginasse completamente sozinha, começou uma revolta feminista ... começou, enfim, a formular uma teoria a partir da experiência vivida” (hooks, 2017, p. 103). Antes, a teoria e a prática libertária apontam para um senso de comunidade.

Este é o assunto central de *Ensinando comunidade: uma pedagogia da esperança* (hooks, 2021), trabalho que segue a produção de textos acerca da sua prática docente. Neste livro, hooks (2021) retorna a Paulo Freire e compreende que a relação entre o aluno e o professor, relação frequentemente verticalizada, precisa assentar suas raízes no contexto deste encontro, relevando, de antemão, as condições materiais da sociedade em que está inserida. Nesse movimento, o que se propõe é a criação de um senso de comunidade, de uma unidade a partir das diferenças: “nós nos tornamos mais sãos quando enfrentamos a realidade, abandonamos noções sentimentais como ‘somos todos humanos, todos iguais’ e aprendemos tanto a explorar nossas diferenças, celebrando-as quando possível” (p. 178). A comunidade, neste sentido, seria aquilo construído em comum. Contrastando com a cultura do imperialismo norte-americano — aquela cunhada pela teórica como “patriarcal capitalista supremacista branca imperialista”, hooks (2021) sustenta a necessidade de colocar-se oposta ao objetivismo desumanizante, caminhando em direção àquilo que ela cunha como ética amorosa.

Esta perspectiva sobre o amor teria as suas raízes nos movimentos de direitos civis, principalmente na concepção defendida pelo líder e ativista Martin Luther King Jr. Também é possível localizar a influência de James Baldwin nesta concepção ética particular de hooks, uma vez que, como defende o biógrafo do escritor, o amor é o coração da filosofia de Baldwin

(Leeming, 2017). A partir destes referenciais, que remetiam ao *status* social das pessoas negras na diáspora, hooks empreende uma série de trabalhos a fim de elaborar sua visão acerca do amor. Em *Tudo sobre o amor: novas perspectivas*, primeiro trabalho de sua trilogia acerca da temática, a teórica propõe que amor não seria apenas um sentimento, mas uma ação, um comprometimento com o bem-estar comum, sendo possível, então, pensarmos em uma ética sustentada pelo amor, uma ética amorosa (hooks, 2020). Hooks ainda declara como o amor teria, evidentemente, proximidades com o cuidado, mas não poderia ser resumido a isto, observação que fundamenta a sua crítica quanto à violência que atravessa nossas relações cotidianas — esta discussão é abordada em boa parte deste seu trabalho, através, principalmente, da prática comum de pais baterem nos filhos. Também, é neste trabalho que hooks (2020) antagoniza sua concepção acerca do amor com os pilares em que se assenta o Sistema Capitalista de produção, entendendo que, por exemplo, o lucro como ação última seria incompatível com a ética amorosa.

Em *Salvação: pessoas negras e o amor* (hooks, 2024b), segundo livro da trilogia, as considerações acerca de sua ética amorosa lhe possibilitam desvelar aquilo que Fanon (2020) chamava de anomalias afetivas presente no edifício complexual do racismo. A tese que atravessa este trabalho de hooks é a de que o racismo, como opressão sofisticada do Sistema Capitalista, impediria as pessoas negras de experimentarem o amor e toda a sua potencialidade como ética. Segundo hooks (2024b), por causa da precariedade material, muitas famílias negras compreendiam o amor como o processo de prover moradia e alimentação, algo inquestionavelmente redutivo. A entrada do amor nas comunidades negras norte-americanas, então, seria muito escusa, aparecendo, pontualmente, em lugares de convivência como as igrejas — o único em que, segundo a teórica, escutava-se falar abertamente sobre amor. A partir desta denúncia, a teórica trama uma série de efeitos da ausência do amor entre pessoas negras: a incapacidade destas elaborarem falas acerca de seus sentimentos, o embotamento afetivo e o distanciamento entre parceiros racializados em relacionamentos, o rechaço do amor e, paradoxalmente, a sua busca incessante.

Em seu livro seguinte, *Comunhão: a busca das mulheres pelo amor* (hooks, 2024a), a teórica lança mão da crítica feminista a fim de desvelar os mitos que acompanham a experiência subjetiva de tornar-se mulher. Defende-se, então, a ideia de que este percurso seria marcado por uma promessa, a promessa do amor, que guiaria as principais escolhas tomadas ao longo do processo. Esta promessa consistiria em um mito de encontro incondicional, que supriria demandas e que se localizaria como o centro da vida afetiva das mulheres. Por certo, sendo um mito, todo este enredo teria uma conformação fantasiosa e, ao contrário do prometido, desbocaria em relacionamentos atravessados por abusos, maus-tratos, violência doméstica e abandono. Também, podemos aproximar estas proposições acerca da promessa de amor às masculinidades, em especial à masculinidade negra (hooks, 2019b, 2022), já que a teórica descreve como o negativo deste mito seria corrente entre homens negros — ou seja, homens negros não deveriam procurar o amor. Ensinados a negarem o amor, em sua perspectiva ética quanto ao bem-estar comum, seria-lhes prometido um lugar na “sociedade patriarcal capitalista supremacista branca imperialista”, homólogo ao lugar de destaque dado àqueles que correspondem aos ideais de brancura e de homem. Notoriamente, esta promessa também é frustrada, mas as respostas são eminentes: a agressividade e a violência como maneiras de afirmação da masculinidade, a evasão diante de qualquer possibilidade de envolvimento afetivo elaborado, a aceitação do movimento hiperssexualizante de homens negros etc.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Aqui, chegamos ao horizonte preocupante em que a teórica sustentou o pensamento crítico como prática libertária. Efetivamente, todo este panorama criado por hooks ao longo de sua produção adveio de seu esforço contínuo em realizar uma análise radical de seu contexto.

Este já está presente em seu segundo trabalho, *Teoria feminista: da margem ao centro* (hooks, 2019c), prenúncio para aquilo que ela desenvolverá como ética amorosa. A figura construída e assinalada no título desta coletânea de ensaios, o deslocamento da marginalidade ao centro dos debates, condensa os anseios da intelectual, que buscou, através de sua condição como mulher negra, transgredir através do ensino e da escrita. Ao atravessarmos as obras selecionadas de hooks, entendemos a continuidade entre a educação e aspectos que muitas vezes são ignorados. Durante toda a sua trajetória, a teórica buscou evidenciar a necessidade de uma educação a fim de transgredir; de uma educação que buscasse a emancipação, o pensamento crítico e o cuidado com o outro. A radicalidade de seu pensamento, por consequência, aponta para possíveis contribuições ao campo de discussão das ciências humanas. Tomando como escopo utópico uma sociedade sem opressões, hooks é uma teórica necessária para repensarmos a nossa produção acadêmica e intelectual por tratar de temas como a influência colonial em nosso sistema de pensamentos.

Portanto, a emergência de um pensamento crítico torna-se possível quando enxergamos o outro a partir de sua diferença e o reconhecendo como, ao mesmo tempo, semelhante-diferente. Este movimento dialético abriria a possibilidade da autonomia, ao contrário da melancolia que, por exemplo, cristaliza os estudantes negros em seus *locus* de oprimidos. Através deste empreendimento, que tem como pano de fundo uma ética amorosa, poderíamos desvelar os mitos herdeiros da dominação colonial e sustentadores do racismo cotidiano. Evidentemente, o nosso contexto histórico e social mantém um diálogo profundo com todas estas proposições, parecendo-nos seguir a proposta de contato contínuo entre as produções críticas da diáspora negra. Certamente, o que depreendemos, ao fim deste processo, é que, valendo-nos de nossa condição, de nossa experiência vivida, o exercício do pensamento crítico abre caminhos para perspectivas singulares e emergentes quanto à emancipação humana — depreensão legada na expressão “*talking back*” [erguer a voz], epítome da radicalidade do pensamento crítico em hooks.

REFERÊNCIAS

Achebe, Chinua. (2009). *O mundo se despedaça*. Tradução de Vera Queiroz da Costa e Silva. São Paulo: Editora Companhia das Letras.

Baldwin, James. (2017). *Notes of a native son*. London: Penguin Classics. (Trabalho original publicado em 1955)

Baldwin, James. (1993). *The fire next time*. New York: Vintage books.

Césaire, Aimé. (2021). *Diário de um retorno ao país natal*. Tradução de Lilian Pestre de Almeida. São Paulo: Editora Edusp.

Césaire, Aimé. (2020). *Discurso sobre o colonialismo*. Tradução de Cláudio Willer. São Paulo: Veneta.

Davis, Angela. (2018). *Mulheres, raça e classe*. Tradução de Heci Regina Candiani. São Paulo: Editora Boitempo.

Fanon, Frantz. (2020). *Pele negra, máscaras brancas*. Tradução de Sebastião Nascimento. São Paulo: Editora Ubu.

Fanon, Frantz. (2021). Racismo e cultura. Em: *Por uma revolução africana*. Tradução de Carlos

- Alberto Medeiros. (pp. 69-86). São Paulo: Zahar editores.
- Faustino, Deivison Mendes. (2020). Sartre, Fanon e a dialética da negritude: diálogos abertos e ainda pertinentes. Em: *EntreLetras*, 11(2). (pp. 74-101)
- Faustino, Deivison Mendes. (2022). *Frantz Fanon e as encruzilhadas*. São Paulo: Editora Ubu.
- Faustino, Deivison. (2018). *Frantz Fanon: um revolucionário particularmente negro*. São Paulo: Círculo Contínuo Editorial.
- Gonzalez, Lélia. (2020). *Por um feminismo afro-latino-americano*. São Paulo: Editora Companhia das Letras.
- Hooks, bell. (2022). *A gente é da hora: homens negros e masculinidade*. Tradução de Vinícius da Silva. São Paulo: Editora Elefante.
- Hooks, bell. (2024a). *Comunhão: a busca das mulheres pelo amor*. Tradução de Julia Dantas. São Paulo: Editora Elefante.
- Hooks, bell. (2017). *Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade*. Tradução de Marcelo Brandão Cipolla. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes.
- Hooks, bell. (2021). *Ensinando comunidade: uma pedagogia da esperança*. Tradução de Kenia Cardoso. São Paulo: Editora Elefante.
- Hooks, bell. (2019a). *Erguer a voz: pensar como feminista, pensar como negra*. Tradução de Catia Maringolo. São Paulo: Editora Elefante.
- Hooks, bell. (2019b). *Olhares negros: raça e representação*. Tradução de Stephanie Borges. São Paulo: Editora Elefante.
- Hooks, bell. (2024b). *Salvação: pessoas negras e o amor*. Tradução de Vinícius da Silva. São Paulo: Editora Elefante.
- Hooks, bell. (2019c). *Teoria feminista: da margem ao centro*. Tradução de Rainer Patriota. São Paulo: Editora Perspectiva.
- Hooks, bell. (2020). *Tudo sobre o amor: novas perspectivas*. Tradução de Stephanie Borges. São Paulo: Editora Elefante.
- Leeming, David. (2015). *James Baldwin: a biography*. New York: Arcade Publishing.
- Lorde, Audre. (2019). *Irmã outsider: Ensaios e conferências*. Tradução de Stephanie Borges. Belo Horizonte: Editora Autêntica.
- Manoel, Jones. (2020). O negro no mundo (intelectual) do branco: breve nota sociológica. Blog da Boitempo. Disponível em: https://blogdaboitempo.com.br/2020/02/11/o-negro-nomundo-intelectual-do-branco-breve-nota-sociologica/amp/?_twitter_impression=true Acesso em: 02/10/2022.

Moura, Lucas Passos de. (2024). *Notas de um bastardo do Ocidente: tensões entre a psicanálise, o problema negro e a literatura*. Dissertação de mestrado não-publicada, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, Brasil.

Moura, Clóvis. (2020). *Rebeliões da Senzala: quilombos, insurreições e guerrilhas*. São Paulo: Editora Anita Garibaldi.

Munanga, Kabengele. (2020). *Negritude: usos e sentidos*. Belo Horizonte: Autêntica Editora.

Nascimento, Abdias. (2016). *O genocídio do negro brasileiro: processo de um racismo mascarado*. São Paulo: Editora Perspectiva.

Shatz, Adam. (2024). *A clínica rebelde: Uma biografia de Frantz Fanon*. Tradução de Érika Nogueira Vieira. São Paulo: Editora Todavia.